



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**SOB MEDIDA:  
fabricando sonhos**

Matheus Moreira Moraes  
Florianópolis  
Novembro de 2016



Matheus Moreira Moraes

**SOB MEDIDA:  
fabricando sonhos**

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina Projetos em Comunicação, ministrada pelo **Prof. Fernando Crocomo**, no segundo semestre de 2016.

Orientador indicado: Fernando Crocomo

Florianópolis  
Novembro de 2016



FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC			
<b>ANO</b>	2016		
<b>ALUNO</b>	Matheus Moreira Moraes		
<b>TÍTULO</b>	Sob medida - fabricando sonhos		
<b>ORIENTADOR</b>	Fernando Crocomo		
<b>MÍDIA</b>       <b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Video	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	<b>Local da apuração:</b>
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ( )	<input checked="" type="checkbox"/> Florianópolis <input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul      País: _____
	<b>ÁREAS</b>	surfe, pranchas, artesãos, shapers, florianópolis, documentário, esporte, natureza	
<b>RESUMO</b>	<p>Documentário sobre pessoas que fazem pranchas de surfe. O clichê do surfista que só quer viver perto da praia, trabalhando apenas o suficiente para sobreviver é contextualizado no mundo real, com aspirações de vida, contas para pagar, família... O que o surfe representa na vida dessas pessoas? Por que escolheram viver fazendo pranchas?</p> <p>Além da compensação financeira pelo seu trabalho, a gratidão que os surfistas sentem pelos artesãos e o fascínio que ambos compartilham pelas pranchas e o que se pode fazer com elas sobre as ondas agregam um ar quase espiritual a essa profissão. Fabricantes de pranchas e surfistas falam sobre essa relação e como isso afeta a maneira como vivem.</p>		



## **RESUMO**

Documentário sobre pessoas que fazem pranchas de surfê. O clichê do surfista que só quer viver perto da praia, trabalhando apenas o suficiente para sobreviver sem responsabilidades é contextualizado no mundo real, com aspirações de vida, contas para pagar, família... O que o surfê representa na vida dessas pessoas? Por que escolheram viver fazendo pranchas? Encontraram o que buscavam?

Além da compensação financeira pelo seu trabalho, a gratidão que os surfistas sentem pelos artesãos e o fascínio que ambos compartilham pelas pranchas e o que se pode fazer com elas sobre as ondas agregam um ar quase espiritual a essa profissão.

Fabricantes de pranchas e surfistas falam sobre essa relação e como isso afeta a maneira como vivem.

Palavras-chave: surfê, fabricação de pranchas, esporte, natureza, arte





## **AGRADECIMENTOS**

À minha esposa, Marina Molina, por todo o amor, paciência, os conselhos e principalmente pela parceria em tantas das incontáveis horas filmando, catalogando, editando e finalizando o filme.

À minha mãe, Benimari Moreira, e toda a nossa família, por acreditar e fazer o possível para que eu possa trabalhar com vídeos.

Aos amigos, pelo companheirismo, apoio e constante incentivo rumo à conclusão do filme.

À natureza, por oferecer gratuitamente a sua beleza aos que buscam refúgio dos dilemas do mundo moderno.

Ao surfe.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. COMO É TRABALHAR COM PRANCHAS EM FLORIANÓPOLIS?</b>	<b>8</b>
<b>3. DESCRIÇÃO DO PROJETO</b>	<b>10</b>
3.1 O QUE OS LEVOU A TRABALHAR COM PRANCHAS?	11
3.2 A RELAÇÃO ENTRE O SURFISTA E O FABRICANTE DE PRANCHAS	13
3.3 CONSEGUIRAM VIVER O SONHO? QUAL A SEMELHANÇA ENTRE EXPECTATIVA E REALIDADE?	15
<b>4. DESENVOLVIMENTO</b>	<b>16</b>
4.1 DESCOBRINDO SE A IDEIA ERA VIÁVEL	16
4.1.1 Claus Gabilan	16
4.1.2 Rodrigo Bungus Ferreira	17
4.1.3 Guilherme Kuckert	18
4.1.4 Andrey de Faria	18
4.2 IMAGENS DE COBERTURA (SURFE)	18
4.3 IMAGENS DE COBERTURA (TRABALHO NAS PRANCHAS)	19
4.4 ENTREVISTAS	20
4.4.1 Entrevista Rodrigo Bungus Ferreira	20
4.4.2 Entrevista Claus Gabilan	20
4.4.3 Entrevista Michael Rodrigues	21
4.4.4 Entrevista Guilherme Kuckert	21
4.4.5 Entrevista Andrey	22
4.4.6 Entrevista Fabrício Flores Nunes	22
4.4.7 Entrevista Cristiano Maffazioli	22
4.4.8 Entrevista Fábio Gouveia	23
4.5 AJUDA DOS TÉCNICOS DO LABTELE	23
4.6 IMAGENS DE OUTROS CINEGRAFISTAS	24
4.7 PROCESSO DE EDIÇÃO	25
4.7.1 Decupando o material	25
4.7.2 Montagem	25



4.7.3 Tentativa e erro até encontrar o roteiro final	26
4.8 SOFTWARES UTILIZADOS	26
4.9 TRILHA SONORA	26
<b>5. DISTRIBUIÇÃO</b>	<b>27</b>
<b>6. RECURSOS</b>	<b>28</b>
6.1 RECURSOS PRÓPRIOS:	28
6.2 RECURSOS DA UFSC:	28
6.3 HORAS DE TRABALHO	28
<b>7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>	<b>29</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>31</b>
<b>9. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>32</b>
<b>10. FILMOGRAFIA</b>	<b>33</b>
ANEXO A - ROTEIRO	
ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DA TRILHA SONORA	



## 1. INTRODUÇÃO

O surfe como conhecemos hoje, em pé, sobre uma prancha, foi inventado pelos polinésios e espalhou-se pelo mundo todo. Durante muito tempo dominou o imaginário popular a crença de que trabalha com o surfe quem nunca quis estudar, nem trabalhar para ter uma vida com responsabilidades.

Surfista desde a adolescência, sempre me interessei por pranchas e, claro, pelas pessoas que as fabricam. Aquela imagem do “vida mansa”, que só quer surfar e viver perto da praia sem obrigações, cuja rotina é definida pela maré, pelas ondas e pelo vento me fascinou desde o primeiro contato.

Ao longo dos anos, e graças à inevitável relação que um surfista precisa desenvolver com quem trabalha com pranchas de surfe, percebi que esses conceitos de certa forma românticos sobre a profissão tinham algum fundamento na realidade mas dificilmente davam conta de descrever a complexidade das vidas de cada fabricante que conheci.

Neste trabalho converso com alguns desses profissionais para saber o que os fascinou no surfe e na fabricação de pranchas. Onde essa escolha os levou? Como é a relação deles com os clientes? De que maneira esse esporte, e esse estilo de vida, influencia nas famílias e nas relações de amizade que constroem? Encontraram a vida que imaginavam?





## 2. COMO É TRABALHAR COM PRANCHAS EM FLORIANÓPOLIS?

O surfe chegou a Florianópolis na década de 1970. A cidade já tinha sua história ligada ao mar devido às tradições náuticas que os habitantes herdaram de índios e açorianos.

O esporte cresceu muito na cidade, atraiu pessoas de fora - estrangeiros e brasileiros - e hoje em dia representa uma das cenas mais fortes do surfe no país. Além da grande quantidade de praticantes, diversas marcas e negócios surgiram para atender às demandas dos novos surfistas.

A demanda por pranchas de surfe também só cresceu nos últimos 40 anos. Em Florianópolis é comum dizer que “tem um *shaper* em cada esquina”. Os *shapers* são fabricantes de pranchas responsáveis por dar a forma ao bloco de poliuretano ou *epoxi* que futuramente será prancha. O público em geral utiliza esse termo para se referir a todos fabricantes de pranchas, sem distinção. Enquanto pesquisava para o filme descobri que o termo *shaper* é na verdade a designação para quem trabalha em uma etapa específica da fabricação de uma prancha. O documentário conversa com fabricantes de pranchas - independente de qual parte do processo eles participam.

A intenção é retratar como é trabalhar com pranchas atualmente. Diferentes perfis de fabricantes falam sobre suas visões da profissão, o que os levou a trabalhar com isso e onde essa escolha os levou.

Uma constante entre esses profissionais é que, antes de tudo, são ou foram surfistas. É fundamental, para compreender por que escolheram viver da maneira como vivem, entender a importância do surfe em suas vidas: lembranças, valores, a dificuldade (ou não) de conciliar rotina profissional e o surfe e a maneira como o esporte afeta a vida familiar.



Outra parte muito interessante na vida de um fabricante de pranchas é a relação que desenvolve com outros surfistas - clientes, amigos e atletas. Há nessa simbiose uma troca de gratidão, respeito e admiração que remete aos primórdios do surfe.

Além das motivações e valores, quis entender se eles estão satisfeitos com suas escolhas e os frutos que o surfe lhes proporcionou.

Essas informações são relevantes no cenário municipal pois foi a primeira vez que essa classe de profissionais pôde externalizar esse tipo de sentimento. O estilo de vida ligado ao surfe e às praias é muito difundido na população florianopolitana. Os personagens e a atmosfera de praia são atrativo para quem vive ou se interessa tanto pelo surfe quanto pela cidade.

Em meus poucos anos de ávido consumidor de conteúdo segmentado para o surfe, vi poucos produtos que tratassem das questões de cunho pessoal que abordei. O documentário *Glass Love* (2007), de Andrew Kidman explora parte dos temas, mostrando como a dedicação ao surfe pode passar de geração em geração em uma família. A websérie *The Now* também tenta captar a relação de cada entrevistado com o surfe.

Outros vídeos que existem nesse estilo costumam ser focados em questões técnicas de modelos de pranchas ou em conceitos como marcas e suas identidades. Exemplos são o programa Hidrodinâmica, do Canal *OFF* e o documentário *Boardroom*(2012).

O foco no lado emocional da relação com o surfe permite que surfistas se identifiquem e que não surfistas entendam a importância do esporte na vida dessas pessoas.



### 3. DESCRIÇÃO DO PROJETO

Além de surfista, há alguns anos me tornei também um consumidor de conteúdo na área. Principalmente audiovisual. Uma websérie chamada *The Now* sempre me chamou atenção pela maneira como, a cada episódio, o diretor Bryce Lowe-White entrevista um surfista e mostra-o falando sobre sua vida, valores, expectativas para o futuro. Essa série me forneceu ideias sobre os conteúdos e a maneira de abordar cada história de vida, traçando sua conexão com o surfe. O diretor cobre as entrevistas com cenas dos personagens trabalhando, surfando e fazendo coisas da sua rotina.

Também assisti um programa do canal OFF chamado Hidrodinâmica. Foi interessante perceber como mostraram os temas relacionados às pranchas e seus fabricantes. A referência foi só visual porque o programa aborda questões mais técnicas de fabricação e design.

Ao longo da produção do documentário me deparei com uma afirmação que me motivou na insistência de investigar o lado emocional da fabricação de pranchas. Na entrevista concedida ao site *No Film School* o diretor do documentário “Purgatorio”, Rodrigo Reyes fala sobre a vanguarda do gênero documental.

“Right now the most interesting films being made that are advancing the form are documentaries...they are films with many different points of view about our reality. The most interesting ones are the ones driven by ideas. ‘We want to explore this, have this conversation, go into this world.’ Why chase the facts?” - **Thought Versus Fact: The Changing Face of Documentary Film - An Interview with Rodrigo Reyes**, do site *No Film School* (22 de julho de 2013)



Ele considera que os filmes que mais têm avançado em formato são documentários, filmes com muitos pontos de vista diferentes sobre a nossa realidade. E os mais interessantes são guiados por ideias. “Nós queremos explorar isso, ter esse diálogo, entrar nesse mundo.” Por que perseguir os fatos?

Como jornalista, busquei perguntas que os fizessem revelar suas expectativas, sucessos e decepções. Mas não necessariamente focado em datas ou eventos específicos. Todos esses tipos de conhecimento são de interesse social. Mas as informações de tecnologia, técnicas de fabricação e eventos históricos no surfe já foram bastante cobertos por outras produções audiovisuais.

Esse documentário mostra o lado pessoal envolvido nessa arte na tentativa de entender quem são essas pessoas. As entrevistas são reflexo de três temas:

### 3.1 O QUE OS LEVOU A TRABALHAR COM PRANCHAS?

Para compreender por que tomaram essa decisão é necessário entender quando começaram a surfar, quem os influenciou no esporte e que papel ele assumiu em suas vidas.

Para Claus Gabilan, fabricante de pranchas que mora na Fortaleza da Barra da Lagoa desde adolescente, entrar no mercado foi um caminho natural: o irmão mais velho já tinha uma fábrica no bairro. Sapão, apelido que ganhou ainda criança em São Paulo, vinha passar o verão em Florianópolis e ficava fascinado com o estilo de vida que o irmão levava. Desde essa época teve certeza de que era o modo como queria viver.

Rodrigo Bungus Ferreira começou praticamente autodidata, testando as poucas técnicas que lhe foram ensinadas. A necessidade de





trabalhar com surfe começou porque precisava consertar as próprias pranchas. A primeira vez que entrou em uma fábrica marcou sua lembrança de tal maneira que ele também não teve mais dúvidas do que queria.

Luiz Maffa acredita que a vontade de empreender sempre esteve dentro dele. Tanto é que já tinha curiosidade pela fabricação de pranchas de surfe quando ainda nem surfava. A primeira vez que ficou em pé e deslizou sobre uma onda foi usando um equipamento feito por ele mesmo. Desde então seguiu experimentando e se aprimorando na arte e aos 21 anos saiu de casa para viver de surfe. Esporte que, para ele, está presente em todos os momentos de seu dia, independente de estar dentro ou fora d'água.

Fabício Flores Nunes trabalha como engenheiro. Descobriu a vocação para fazer pranchas quando já surfava há muitos anos. Começou depois que viu um amigo, que tinha menos intimidade com ferramentas, fazendo a própria prancha. Comprou um bloco para testar e, depois de algumas tentativas e erros já fez pranchas sob encomenda para amigos.

Fábio Gouveia, ex competidor da elite do surfe mundial, hoje em dia faz pranchas e vai falar sobre como foi a transição para a sala de *shape* - local onde se esculpem as pranchas.

Com o conhecimento prévio que tinha sobre o assunto, e a confirmação nas entrevistas realizadas, é possível afirmar com certeza que todos os fabricantes de pranchas são ou já foram surfistas apaixonados. A decisão de trabalhar com pranchas foi sempre influenciada por algum fabricante mais experiente, que serviu de exemplo para quem estava começando.

Foi interessante perceber que o primeiro contato é parecido para muitos, e o fascínio pela arte de fazer pranchas de surfe parece estar incluído no imaginário do esporte.



### 3.2 A RELAÇÃO ENTRE O SURFISTA E O FABRICANTE DE PRANCHAS

A sociedade havaiana considerava a atividade mais do que um esporte. De fato, a hierarquia social e as relações de poder entre as tribos, as disputas por territórios, tudo afetava e era afetado pelo *he'enalu*, que pode ser traduzido como “deslizar sobre ondas”.

A fabricação de pranchas é tão antiga quanto o surfe em si. Nessa sociedade os melhores surfistas buscavam o auxílio do *kahuna*, ou sacerdote, quando queriam pedir que os deuses enviassem boas ondas. Eram também os homens sagrados que conduziam os surfistas, especialmente das camadas superiores da sociedade, na cerimônia espiritual de construir uma prancha de surfe. Terminada a parte religiosa, alguns dos melhores artesãos eram contratados para transformar um tronco de madeira em prancha. Desde os primórdios, as pranchas são consideradas mais do que meros objetos. Possuem valor sentimental e, segundo a tradição, uma forte conexão espiritual com quem surfa.

No documentário os artesãos vão falar sobre a importância da relação com os outros surfistas. Alguns os chamam de clientes. Luiz Maffa, por exemplo, prefere trabalhar para amigos. Ainda que seja preciso que essa amizade comece em apenas uma conversa, na hora de encomendar a prancha. Conhecer a pessoa para quem se está fazendo a prancha é importante para que o produto final saia ajustado às habilidades e objetivos do surfista.

Será interessante perceber como os surfistas consideram os fabricantes de pranchas. É para alguns uma mistura de guru, professor e amigo. Os conhecimentos que compartilham com quem encomenda uma



prancha são importantes para que se possa desfrutar ao máximo sobre as ondas.

Os surfistas entrevistados, Guilherme Kuckert e Andrey Farias, não são competidores nem possuem algum tipo de apoio ou patrocínio. Representam surfistas normais mas foram escolhidos para o documentário devido ao elevado nível técnico que possuem.

Eles contaram qual a importância do surfe em suas próprias vidas e como enxergam os responsáveis por fabricar as pranchas que tanto amam. Também foram perguntados sobre o que sentiram na primeira vez em que viram um fabricante de pranchas. Sentimentos que de certa maneira são parecidos aos que os próprios artesãos viveram antes de começarem a trabalhar com isso.

O cheiro de resina, a poeira e a camaradagem parecem exercer um fascínio nos apaixonados pelo surfe: uma mistura de *hippies* e cientistas loucos em busca de melhorias na performance e hidrodinâmica.

Para essa busca os grandes parceiros dos fabricantes de pranchas são os atletas. Devido à habilidade que possuem, podem passar aos fabricantes um retorno de como cada prancha se comportou na água. O valor desse retorno está na experiência de surfe de cada atleta, com menos vícios de postura e aptos a encarar diferentes tipos de ondas. Outra vantagem apontada é que, ao trabalhar com um atleta, é construída uma relação duradoura que se refletirá em várias pranchas testadas em busca da perfeição.

O status da prancha como objeto intimamente ligado à espiritualidade do surfista confere ao fabricante grande responsabilidade na experiência que o cliente terá na água. Se essa experiência for boa o surfista geralmente irá extasiado contar ao responsável por tanta alegria. E é nessa



hora, segundo os próprios fabricantes, que todo o trabalho é recompensado. Mais do que o dinheiro, é a certeza de ter feito um bom trabalho refletida na satisfação de um amigo - por mais recente que a amizade seja. Esse é um sentimento que parece existir desde os primórdios do surfe. Mais uma das camadas que tornam o esporte uma experiência quase espiritual.

Mas o que existe além desse imaginário? Corresponde às expectativas individuais?

### 3.3 CONSEGUIRAM VIVER O SONHO? QUAL A SEMELHANÇA ENTRE EXPECTATIVA E REALIDADE?

A alegria de ter o trabalho reconhecido pelos clientes ou amigos é uma das recompensas que os fabricantes de pranchas recebem. Mas é uma gratidão que não serve para pagar contas. No fim do mês as aspirações de conforto são as mesmas das outras pessoas. Foi preciso entender de que maneira conseguiram viver - ou não - de fabricar pranchas ou não, e o lugar que o surfe ocupa em suas famílias.

Quando decidiram viver de surfe o esporte era visto como uma atividade para desocupados, que não queriam nada na vida. Cristiano Maffazioli foi o único irmão que não optou por ser advogado. As dificuldades financeiras foram constantes e ele se perguntou se havia optado pela coisa certa. Hoje em dia, com os problemas já superados, tem certeza de que só conseguiria ser feliz fazendo pranchas.

Claus Gabilan trabalha apenas o necessário para sobreviver, e coloca em primeiro lugar o seu tempo com o filho. Considera que conseguiu o que queria, viver da fabricação de pranchas e ter tempo para surfar. Ainda assim é possível notar um ar desanimado em sua fala.





Fábio Gouveia ainda vive de surfar, mas revela que aos poucos pretende fazer da fabricação de pranchas a sua fonte principal de renda. Pensando nisso está testando maneiras de ampliar sua produção sempre preocupado em não perder a qualidade de vida e o tempo para surfar.

Há quem fabrique pranchas apenas por lazer. É o caso de Fabrício Flores Nunes, que trabalha de segunda a sexta com engenharia de aquicultura e faz pranchas nos fins de semana. Rodrigo Bungus Ferreira, em meio às viagens que fez pelo mundo para surfar, financiadas pelas pranchas que fabrica, conheceu a cozinha mexicana e abriu um restaurante inspirado nas ondas do lugar. À medida que o restaurante cresceu a fabricação de pranchas foi relegada ao segundo plano e hoje ocupa o lugar de lazer.

## **4. DESENVOLVIMENTO**

### **4.1 DESCOBRINDO SE A IDEIA ERA VIÁVEL**

#### **4.1.1 Claus Gabilan**

É meu vizinho. Já nos conhecíamos da convivência diária nas ondas da Galheta, até o dia em que me encontrou no bairro em que moramos, a Fortaleza da Barra, e disse que trabalhava com consertos de pranchas. Comecei a frequentar sua “fábrica”, um barraco de tábuas de madeira nos fundos do terreno da casa dele. Devido ao grande número de reparos aos quais minhas pranchas costumam ser submetidas, e ao constante encontro com Claus no mar, aos poucos nos tornamos amigos. Essa amizade motivou as perguntas que surgiram em minha cabeça: será que valia a pena estudar e ter um trabalho “normal”? Toda minha vida acreditei que sim mas aos poucos conheci outras pessoas que também levavam a vida de maneira parecida, trabalhando quando o surfe permitisse e surfando sempre que houvesse ondas. A alegria de viver dessas pessoas desafiava a maneira de



pensar sob a qual fui criado. Ao meu ver aqueles surfistas tinham uma fonte de felicidade, saúde e companheirismo mais presente em suas vidas do que muitas pessoas “bem sucedidas” profissionalmente que conheci.

Quando falei pra ele sobre a ideia do documentário ele disse que não queria participar. Claus se considera um tipo avesso às câmaras, apesar de ser carismático. No bairro todos o tratam bem. Na água também.

Aos poucos fui convencendo-o de que sua história era sim interessante, e que de qualquer forma o filme não seria apenas sobre ele e sim sobre a profissão. Com a garantia de que sua aparição seria breve, me permitiu filmar seu trabalho diversas vezes. Mas eu precisava de uma prancha que eu pudesse acompanhar do início ao fim. Eu já estava procurando algum interessado em encomendar uma prancha com ele, fosse amigo ou vizinho do bairro, há quase um mês quando minha mãe fez uma visita à minha casa. Ela se compadeceu do estado em que se encontrava minha própria prancha e se ofereceu para me dar outra. Fui no mesmo dia contar as novidades pro Claus e ele ficou super empolgado.

Combinamos que ele só trabalharia na prancha quando eu estivesse junto, para que pudesse filmar todas as etapas. As primeiras sessões de filmagens foram um pouco tensas porque, para ele, a minha presença ali, com câmaras, tripé e *steadycam* dificultava a concentração no trabalho.

#### **4.1.2 Rodrigo Bungus Ferreira**

Foi com ele que tive a oportunidade de, pela primeira vez, desenvolver uma relação com algum fabricante de pranchas. Na adolescência eu morava a duas quadras de distância da loja Iguana Surfboards. Desde então sempre o procurei para tirar dúvidas e pedir conselhos relacionados ao esporte, ou ao tipo de equipamento. Minhas três



primeiras pranchas comprei na loja dele. Desde que comecei a pensar no projeto, sempre o considerei como personagem. Quando chegou a hora de filmar ele se mostrou o mais prestativo e disponível dos personagens do filme. Além das entrevistas, organizou duas sessões de filmagem comigo e os atletas da sua marca.

#### **4.1.3 Guilherme Kuckert**

Há mais ou menos 6 anos o conheci quando fui surfar no matadeiro. Já na areia se mostrou uma pessoa extrovertida e acessível. Quando entramos no mar vi que além disso era um exímio surfista. Na hora de procurar por fontes surfistas o nome dele veio à cabeça e, apesar de não termos intimidade, ele gostou da ideia e topou participar.

#### **4.1.4 Andrey de Faria**

Nos conhecemos em Punta Hermosa, uma pequena cidade a 40km de Lima, Peru. Nossas namoradas se conheciam e a partir desse encontro passamos o resto do mês viajando e surfando juntos. Quando voltamos para o Brasil já éramos amigos. Na hora de pensar em fontes para o documentário, a qualidade do seu surfe e as imagens que fizemos no Peru garantiram o lugar dele no filme.

### **4.2 IMAGENS DE COBERTURA (SURFE)**

Conseguir imagens de surfe foi a parte mais trabalhosa do documentário. Como é um esporte que depende muito das condições climáticas é complicado programar gravações com antecedência. Todas as decisões têm que ser tomadas em cima da hora com base na condição do



mar e do vento. Para piorar, Floripa é uma cidade onde as ondas costumam ser melhores de manhã cedo. As filmagens tinham que ser agendadas na noite anterior e, na manhã seguinte, cruzar os dedos para que todos os envolvidos acordassem, carregassem (e atendessem) os celulares, e, claro, que as ondas estivessem boas.

Quando decidi fazer o documentário optei por captar a maioria das imagens de surfe porque queria um trabalho quase que inteiramente feito por mim. No meio do processo de filmagem, no entanto, me dei conta de que precisaria de mais imagens de surfe principalmente de outros países, visto que a rotina de viajar atrás de ondas é muito comum na vida de um surfista. Consegui com algumas pessoas que conheci ao longo da realização do filme, como o Fabiano Sperotto e o atleta Michael Rodrigues. Ambos me cederam imagens filmadas no Brasil e em outros países como Indonésia, Portugal e Estados Unidos.

#### 4.3 IMAGENS DE COBERTURA (TRABALHO NAS PRANCHAS)

Para conseguir as imagens de cobertura eu frequentei bastante a fábrica do Claus Gabilan, que fica próxima à minha casa. Ali consegui filmar quase todos os estágios de produção de uma prancha, a partir do momento em que o bloco chega da fábrica.

Também fiz imagens de Fábio Gouveia e Fabrício Flores Nunes “descascando” o bloco, como eles dizem. É um processo manual que está sendo substituído por um processo automatizado feito à máquina mas que alguns fabricantes de pranchas decidem manter por questão de estilo.





Filmei Cristiano Maffazioli trabalhando no Rio Tavares, na Blacks Board House. É o mesmo lugar onde o Fabrício Flores Nunes faz as pranchas.

Para filmar uma máquina esculpindo a prancha fui à fábrica SRS Surfboards, no sul da Ilha.

## 4.4 ENTREVISTAS

### 4.4.1 Entrevista Rodrigo Bungus Ferreira

A entrevista foi realizada no 2º andar do restaurante de comida mexicana que ele abriu onde antes era a loja de artigos para surfe. Fui acompanhado por minha esposa Marina Molina e o técnico do Labtele Marcos dos Santos. Foi a primeira entrevista realizada para o documentário e envolveu uma série de ajustes e decisões como enquadramentos e dinâmica de perguntas que serviram de base para as próximas gravações.

### 4.4.2 Entrevista Claus Gabilan

Essa foi com certeza a entrevista mais complicada de fazer devido à intimidade que temos. Nos primeiros 10 minutos da entrevista não conseguimos segurar as risadas.

O fato de nos conhecermos, ao mesmo tempo em que permitia que eu direcionasse melhor as perguntas, fazia com que ele tivesse ataques de riso na hora de responder. Claro que as risadas começavam nele mas contagiavam também a mim e a um outro amigo, Élcio Appolinário, que auxiliou nas gravações. Um desastre que durou meia hora até que finalmente conseguimos nos concentrar e parar de rir.



O resultado final, no entanto, foi o que mais me agradou. Diferente dos outros, que deram respostas calculadas, como se contassem histórias, Claus deu respostas mais diretas, apenas informações cruas sobre sua vida.

#### **4.4.3 Entrevista Michael Rodrigues**

Michael tem 22 anos e é um surfista profissional que persegue o sonho de competir na elite mundial. Em 2015 ele chegou perto. Faltaram 3 posições no ranking para que ele realizasse esse sonho. Em 2016 a busca recomeçou e ele continua na mesma situação, apenas algumas posições abaixo da “linha de corte”. Seu talento é reconhecido mundialmente e, para minha sorte, moramos na mesma rua. Isso facilitou o acesso aos treinos (onde captei muitas imagens de surfe) e também a realização da entrevista.

A entrevista ficou corrida porque as ondas estavam boas no dia. Saímos de casa às 6h50 e filmei ele surfando até perto do meio dia. Almoçamos no caminho da casa dele, onde o treinador iria esvaziar a memória da câmera que usam para os treinos e carregar a bateria. Às 14h30 eles iam novamente para a praia por isso realizei a entrevista no intervalo entre os treinos. Acompanharam a entrevista o treinador, Luís Kleber Cavalcanti e o jovem surfista Uriel Esposaro, que aparece em algumas cenas de surfe no filme. Participou também o cachorro do vizinho, que fez questão de marcar presença com os latidos.

#### **4.4.4 Entrevista Guilherme Kuckert**

Combinamos em um sábado fim de tarde. Ele acabara de se mudar com a namorada para um hostel no campeche. Isso tornou difícil montar um local para a entrevista devido ao fluxo de pessoas. Acabamos optando por fazer a entrevista no quintal, atrás da propriedade, ao ar livre. O nervosismo



que ele sentia era aparente e precisei de alguns minutos até que ele conseguisse falar de maneira mais fluida. Ainda assim foi uma das entrevistas mais complicadas devido às vezes em que ele gaguejou ou hesitou na hora de completar as frases. Apesar disso o conteúdo das falas dele se encaixou bastante com a proposta do documentário e economizou trechos onde eu achava que precisaria usar locução.

#### **4.4.5 Entrevista Andrey**

Fizemos a entrevista à tarde na casa dele, em um pequeno poço de luz. A maneira de falar dele, somada à timidez perante a câmara dificultaram a utilização de alguns trechos da entrevista. As respostas, sucintas, resultaram na entrevista mais curta do documentário.

#### **4.4.6 Entrevista Fabrício Flores Nunes**

Quem me passou o contato do Fabrício foi o Rodrigo Bungus Ferreira. O que me atraiu foi a filosofia diferente que ele utiliza na fabricação das pranchas. Estudando princípios de física teórica e aplicando-os à mão livre nas pranchas. Além disso, como ele não vive de fazer pranchas, representa outro tipo de relação com a fabricação de pranchas. A entrevista foi realizada na casa dele, e tive a ajuda do técnico audiovisual do LabTele Marcos dos Santos.

#### **4.4.7 Entrevista Cristiano Maffazioli**

Inicialmente entrei em contato com o Cristiano porque ele já estudou muito das culturas havaianas. Eu queria um ponto de vista que também levasse a tradição em consideração mas durante a entrevista e à medida que continuei desenvolvendo o projeto me dei conta de que para



falar sobre a cultura havaiana eu precisaria de alguém de lá. Isso porque os fabricantes de pranchas daqui não sentem muita influência das tradições na sua rotina ou profissão. E se não sentem essa influência, não vi necessidade de colocar essas informações em um filme sobre fabricantes de pranchas em Florianópolis.

Realizei a entrevista no quintal da casa dele, no Rio Vermelho, onde montamos um pequeno cenário com duas pranchas ao fundo.

#### **4.4.8 Entrevista Fábio Gouveia**

Possivelmente a fonte mais “famosa”, Fábio foi campeão mundial na categoria amadora em 1988 e teve uma longa carreira na elite do surfe mundial. Acumulou vitórias e foi um dos principais expoentes do surfe mundial de sua geração. Aposentado das competições profissionais desde 2009 ele agora se dedica à fabricação de pranchas. A experiência como competidor e depois a “mudança de lado” trazem uma versão peculiar sobre a profissão. Em seu discurso ele deixa clara a intenção de trabalhar apenas o suficiente para não atrapalhar a prática do surfe. Essa informação tem muito a ver com as perguntas iniciais que motivaram o filme pois uma coisa que sempre me causou curiosidade foi conhecer muitas pessoas relativamente bem sucedidas profissionalmente que reclamavam das coisas que deixaram de fazer ou de aproveitar para chegar onde estão em suas carreiras. Assim como eu, Fábio Gouveia especulou sobre a possibilidade de viver com outras prioridades.

#### **4.5 AJUDA DOS TÉCNICOS DO LABTELE**





Foi essencial o auxílio que recebi dos técnicos do LabTele Marcos dos Santos e Carlos Henrique Guião. Desde conselhos sobre equipamentos até a operação de câmaras em entrevistas. Nas gravações em que participou, Marcos agiu como diretor de fotografia e, no caso da entrevista ao Fábio Gouveia, também fez perguntas.

#### 4.6 IMAGENS DE OUTROS CINEGRAFISTAS

O surfe não depende só das condições climáticas. As características geográficas de cada lugar interferem no formato, extensão, altura e qualidade da onda. Florianópolis, apesar de estar ligada ao surfe há décadas, não pode ser considerado um destino “internacional” do esporte. As ondas quebram com frequência e o regime de ventos é favorável mas faltam praias com angulações de fundo adequadas para a formação de ondas extensas e perfeitas. Eventualmente o mar fica bom e tentei filmar nesses dias (assim como em muitos dias em que a qualidade das ondas deixou a desejar).

Devido à pouca constância de ondas boas em Florianópolis e do pequeno orçamento, precisei recorrer a imagens de arquivos. Michael Rodrigues passa o ano viajando para surfar e me cedeu material de lugares como Indonésia e Rio de Janeiro. Utilizei imagens filmadas por Ian Tavares e Neto Neves.

O filmmaker Fabiano Sperotto também colaborou com imagens de surfe na Indonésia, no Rio de Janeiro e em Santa Catarina.

As imagens do Peru foram filmadas por Augusto Miguel Bernal e Pajarito, que dividem seu tempo entre filmar ondas perfeitas e dirigir *tuc-tucs* (pequenos triciclos montados sobre chassis de motos 125cc e utilizados como táxi de baixo custo) para surfistas na cidade de Pacasmayo.



As imagens de El Salvador foram captadas por Anderson Gasperi, Gustavo Trajano e Marcio Faria.

Foi fundamental a disposição do técnico do LabTele Marcos dos Santos para ir comigo à Guarda do Embaú filmar da areia enquanto eu filmava dentro da água.

Marina Molina, minha esposa, também captou algumas das imagens no documentário, em especial as cenas de natureza.

Alexandre Scheidt, amigo de adolescência, me ajudou com a maior parte das fotografias de lapso temporal que embelezam várias partes do filme.

## 4.7 PROCESSO DE EDIÇÃO

### 4.7.1 Decupando o material

O primeiro passo foi decupar todas as entrevistas realizadas, transcrevendo o conteúdo delas para poder montar o roteiro. Também precisei catalogar as imagens de surfe e de natureza para planejar os clipes de surfe durante o filme.

### 4.7.2 Montagem

Depois de feita a transcrição das entrevistas montei o primeiro roteiro. Nessa etapa eu tentei escrever um filme que não utilizasse locução. A ideia era encadear as falas de maneira que os assuntos fossem abordados naturalmente, usando apenas trechos das falas de cada personagem. Finalizada essa etapa montei um rascunho onde as entrevistas e os diferentes ângulos em que foram filmadas apareciam.



### 4.7.3 Tentativa e erro até encontrar o roteiro final

Com o primeiro rascunho montado marcamos uma reunião para que eu e meu orientador Fernando Crócomo pudéssemos sentir se o filme fazia sentido. Não fazia. Algumas falas estavam boas, encadeadas de maneira a formar uma narrativa mas a maioria parecia perdida, solta entre outras sonoras. Crócomo sugeriu então que eu aproveitasse a intimidade que já tinha com o material e pensasse em outra forma de contar a história, dessa vez usando locução, e só depois inserir as sonoras para conversarem diretamente com a narração. Depois de algumas tentativas e ajustes chegamos ao resultado final.

## 4.8 SOFTWARES UTILIZADOS

Para a edição do documentário utilizei os softwares do pacote *Adobe, Premiere Pro CC, After Effects CC e Adobe Photoshop CC*. A integração de arquivos que esses softwares possibilitam, por meio do *Adobe Dynamic Link* facilita muito o trabalho de edição, poupando tempo de renderização a cada alteração no documentário. O fato de os programas reconhecerem os arquivos de outros softwares da *Adobe* também ajuda na hora de montar o filme.

## 4.9 TRILHA SONORA

A música de abertura, chamada Arco-Íris, foi cedida pela banda Lendários, cujo guitarrista e vocalista é o Marcos dos Santos, técnico do Labtele que me ajudou de muitas formas a realizar o filme.

A música Filhos Pálidos da Noite Escura foi cedida pela banda Renegados Excluídos Ultrajantes Sarcásticos, cujo baixista chama-se



Beltrão Brustoloni e conheci no início da graduação. O estilo da música remete a filmes de surfe das décadas de 1980 1990, como o filme Billabong Filthy Habits(1988), com sonoridade crua e agressiva.

Na sequência, a música Na Busca do Conhecimento, da banda Orquestra Celestial do Livre Arbítrio, também cedida para o filme, com a letra de crítica social, combina com as cenas protagonizadas por quem viaja para surfar, quase sempre encontrando desigualdade social contrastando com belezas naturais.

A versão da 4ª Suíte para Violoncelo, de Johann Sebastian Bach foi interpretada em violão por Pedro Oliveira. Gravei a apresentação que fez na Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, na Lagoa da Conceição.

Montanha, música da Banda Leão Livre, teve um trecho utilizado para ilustrar um clipe de surfe que se refere ao surfe de cada dia.

Walking, da banda Matter of Time foi escolhida para encerrar o documentário por ser uma música agitada. A intenção com a parte final do filme, um clipe de surfe ao som dessa música, é empolgar os espectadores surfistas para irem pro mar.

## **5. DISTRIBUIÇÃO**

Quando o filme estiver com as correções sugeridas pela banca será disponibilizado no Youtube e CurtaDoc. Após a entrega do trabalho serão criados arquivos de legendas em inglês e espanhol para aumentar o alcance das informações. Com a ajuda do Guia Kinoforum avaliarei a possibilidade de enviar para festivais universitários nacionais e internacionais. O documentário também ficará à disposição da TV UFSC caso haja interesse em incluir o material na programação.





## **6. RECURSOS**

### **6.1 RECURSOS PRÓPRIOS:**

Câmara Canon 70D - R\$4.100,00

Tripé Benro - R\$800,00

Estabilizador de Câmara - R\$150,00

Lente Canon EF 70-300mm 4.5-5.6 - R\$ 1000,00

Lente Canon EF-S 18-135mm 3.5-5.6 - R\$ 800,00

Lente Canon EF 50mm 1.8 - R\$800,00

Ilha de Edição - R\$ 6.600,00

### **6.2 RECURSOS DA UFSC:**

GoPro Hero 4 silver - R\$1000,00

Câmara Sony HVR-Z7 - R\$5.900,00

Câmara Sony NX-5 - R\$15.000,00

Microfone Lapela Leson - R\$120,00

Sungun - R\$1.500,00

Tripé - R\$900,00

### **6.3 HORAS DE TRABALHO**

Hora de Gravação\* (1 cinegrafista): R\$59,65

30 horas de gravação: R\$ 1.789,59

Hora de Edição\* (1 editor): R\$44,47

30 horas de edição: R\$1.334,10

Valores baseados nas tabelas do SINDCINE

**TOTAL: R\$ 40.293,69**



## 7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Com certeza a principal dificuldade encontrada foi a captação de imagens de surfe. O ambiente da praia é hostil para os equipamentos eletrônicos e, após algumas horas em pé sem tirar os olhos do mar, torna-se hostil também para quem está debaixo do sol. Quando decidi fazer esse filme quis aproveitar a oportunidade de fazer um trabalho de aula, com a estrutura da UFSC à minha disposição, para ter a experiência de trabalhar com surfe. Serviu para avaliar se é nessa área do mercado de trabalho em que eu buscarei inserção após a faculdade

Foi legal o contato com o mundo do surfe e com a rotina de estar na praia à trabalho. Mas foi muito difícil ficar na areia filmando quando as ondas quebravam perfeitas a poucos metros de mim. Daqui pra frente, se for pra trabalhar com surfe, não quero ser cinegrafista!

Devido às dificuldades previamente apontadas na hora de filmar surfe, e do grande número de imagens que esse projeto necessitou, acredito que um dos maiores aprendizados foi sobre as demandas de produção. Organizar horários, transporte, local, surfistas e conciliar com dias de ondas foi um desafio.

Adquiri intimidade com as câmaras de cinema que a UFSC empresta. Antes eu praticamente só usava DSLR's.

Algumas das imagens que me foram cedidas estavam em baixa resolução e isso foi um problema na hora de editar. Tentei fazer de um jeito em que a disparidade tecnológica ficasse menos evidente. As seções de surfe no Peru e em El Salvador foram as mais difíceis de utilizar, assim como as escassas cenas de surfe que consegui dos fabricantes de surfe.



A transcrição das entrevistas e decupagem do material foram gratificantes na medida em que percebi ter feito um bom trabalho de captação mas também foi um processo trabalhoso e demorado.

A montagem foi sem dúvidas a parte que me deu mais prazer. As inúmeras formas de se contar uma história e a procura pela maneira mais instigante de fazer isso me ensinaram muito sobre as demandas de um projeto tão longo.

Do ponto de vista do conteúdo acredito ter conseguido focar os dilemas do filme nas questões que me interessavam desde o início. No entanto as respostas foram mais diversas do que eu esperava: normal, a vida real é sempre mais complexa do que as histórias que imaginamos.

Enquanto aprontava o documentário mostrei os rascunhos para muita gente, e sempre fiquei extasiado quando percebi que as pessoas identificavam as conexões que eu imaginei e tinham curiosidade para assistir o filme até o fim. Essa curiosidade mostrou-se presente tanto nos amigos surfistas quanto nos não surfistas.



## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON-MOORE, Oakley. **Thought versus fact:** The Changing Face of Documentary Film - An Interview with Rodrigo Reyes. *No Film School*, 2013. Disponível em <http://nofilmschool.com/2013/07/changing-face-documentary-film-rodrigo-eyes-interview> (acessado em 20 de novembro de 2016)

BERNARD, Sheila Curran, **Documentário:** técnicas para uma produção de alto impacto (tradução: KRIEGER, Saulo). Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

**FILTHY Habits.** Produção: Billabong. Austrália: 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4Eo4CtaKWY>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

**GLASS Love.** Direção e Produção: Andrew Kidman. Australia: 2005.

**HIDRODINÂMICA,** Direção: Rafael Mellin, Produção: Grupo Sal. Rio de Janeiro: Canal OFF, 2015.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008

RENOV, Michael. **Theorizing Documentary.** Routledge, New York and London: AFI Film Readers, 1993.

**THE Now,** Direção: Dylan Gordon e Todd Prodanovich, Produção: Bryce Lowe-White. 2015. Disponível em <http://www.brycelowewhite.com/the-now/> (acessado em 21 de novembro de 2016)





## 9. BIBLIOGRAFIA

ANDERSON-MOORE, Oakley. **Thought versus fact: The Changing Face of Documentary Film - An Interview with Rodrigo Reyes.** *No Film School*, 2013. Disponível em <http://nofilmschool.com/2013/07/changing-face-documentary-film-rodrigo-eyes-interview> (acessado em 20 de novembro de 2016)

BERNARD, Sheila Curran, **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto** (tradução: KRIEGER, Saulo). Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CUEVAS, Efrén. *Home Movies as Personal Archives in Autobiographical Documentaries.* **Studies in Documentary Film**, vol. 17, n. 1, 2013, pp. 17–29.

JUSTINA, Mariana Della, **Explorando o Conceito de Webdocumentário.** Florianópolis: UFSC, 2013.

NICHOLS, Bill. *La representación de la Realidad.* Indiana University Press, Bloomington e Indianapolis, 1991.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008

RENOV, Michael. *Theorizing Documentary.* Routledge, New York and London: AFI Film Readers, 1993.

**TABELAS de pisos salariais do SINDCINE.** Disponíveis no link: [http://www.sindcine.com.br/site/conteudo\\_site/tabelas/tabelas\\_pisos\\_salariais\\_2016\\_2017/TABELA\\_DE\\_PISOS\\_SALARIAIS\\_PARA\\_PROFISSIONAIS\\_DE\\_LONGA\\_MEDIA%20CURTA\\_METRAGEM\\_E\\_DOCUMENTARIOS.pdf](http://www.sindcine.com.br/site/conteudo_site/tabelas/tabelas_pisos_salariais_2016_2017/TABELA_DE_PISOS_SALARIAIS_PARA_PROFISSIONAIS_DE_LONGA_MEDIA%20CURTA_METRAGEM_E_DOCUMENTARIOS.pdf) (acessadas em 16 de novembro de 2016)

WATTS, Harris. *On Camera.* São Paulo: Summus, 1990.



## 10. FILMOGRAFIA

**FILTHY Habits.** Produção: Billabong. Austrália: 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4Eo4CtaKWY>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

**GLASS Love.** Direção e Produção: Andrew Kidman. Australia: 2005.

**HIDRODINÂMICA,** Direção: Rafael Mellin, Produção: Grupo Sal. Rio de Janeiro: Canal OFF, 2015.

**LISERGIA Clássica,** Direção e Produção: Jaime Viudes. Galeria Films e Toca Productions, 2014.

**LITMUS.** Direção e Produção: Andrew Kidman, Australia: 1995.

**MOTO Borgotaro:** The 1979 Moto Guzzi Le Mans.. Direção: Roberto Serrini. Nova Iorque: 2015.

**THE Now,** Direção: Dylan Gordon e Todd Prodanovich, Produção: Bryce Lowe-White. 2015. Disponível em <http://www.brycelowewhite.com/the-now/> (acessado em 21 de novembro de 2016)

